

O
ÚLTIMO
SORRISO
NA CIDADE
PARTIDA



O
ÚLTIMO
SORRISO
NA CIDADE
PARTIDA

OS ARQUIVOS DE FETCH PHILLIPS I
LUKE ARNOLD
TRADUÇÃO *Giu Alonso*

TRAMA

Título original: *The Last Smile in Sunder City*

Copyright © 2020 Luke Arnold

Publicado originalmente na Grã-Bretanha em 2020 pela Orbit, um selo do Little, Brown Book Group

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Trama, selo da EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.

Rua Candelária, 60 — 7.º andar — Centro — 20091-020

Rio de Janeiro — RJ — Brasil

Tel.: (21) 3882-8200

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A775u

Arnold, Luke

O último sorriso na cidade partida / Luke Arnold ; tradução Giu Alonso.

- 1. ed. - Rio de Janeiro : Trama, 2021.

304 p.; 23 cm. (Os arquivos de Fetch Phillips; 1)

Tradução de: *The Last Smile in Sunder City*

ISBN 978-65-89132-07-3

1. Ficção australiana. I. Alonso, Giu. II. Título. III. Série.

20-63600

CDD: 828.99343

CDU: 82-3(94)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

www.editoratrama.com.br

   / editoratrama

*Para o meu pai,
Que me deu Tolkien, Chandler e
muitos outros tipos de magia*

1

“Faça algo de bom”, ela disse.

Bem, eu tentei, não? Todos os casos da minha carreira foram cansativos e, por fim, inúteis. Como aquele da sra. Habbot, que me contratou para encontrar seu cachorrinho perdido. Duas semanas de trabalho, três ossos quebrados, só para a velhota morrer antes que eu pudesse cobrar pelo serviço, deixando um poodle cego e com incontinência urinária sob meus cuidados por dois meses. Só o tempo necessário para eu me apaixonar pelo maldito bicho antes de ele também bater as botas.

Descanse em paz, Pompo.

8. O ÚLTIMO SORRISO NA CIDADE PARTIDA

Depois teve o trabalho de curta temporada como guarda-costas de Aaron King. Fui pago à vista, não fiquei com uma mancha roxa, mas foram quatro dias e meio de agonia ouvindo aquele almofadinha metido a besta reclamar da herança. Ainda estou catando os choramingos dos meus ouvidos com uma pinça.

Depois de uma série de trabalhos igualmente idiotas, eu estava no meu escritório, cinquenta por cento apagado, setenta e cinco por cento bêbado e com zero por cento de café. Era quase o bastante. O café. Quase o bastante para me fazer parar a porcaria do jogo de vez. Levantei da mesa e abri a porta.

Não a primeira porta. A primeira porta do meu escritório tem uma janelinha de vidro com as palavras *Fetch Phillips: Faz-tudo* e leva à sala de espera no corredor.

Não. Eu abri a segunda porta. A que leva a um espaço aberto a cinco andares de altura acima da rua Principal. Essa porta havia sido usada pelo proprietário anterior, mas eu mesmo nunca tinha saído por ela. Não até então, pelo menos.

O vento outonal atingiu meu rosto enquanto eu me apoiava na ponta dos dedos dos pés na beirada e olhava para Sunder City. Seis anos desde que foi pelos ares. Seis anos de tropeços, torcendo para encontrar sem querer alguma forma de compensar todos aqueles erros idiotas.

Por que ela achou que eu poderia fazer qualquer diferença?

Trim.

O telefone castiçal agitou o sino como um mendigo pedindo um trocado. Olhei para o aparelho, me perguntando se seria pior atender ou comer o telefone.

Trim.

Trim.

— Alô?

— Estou falando com o sr. Phillips?

— Ele mesmo.

— Aqui é o diretor da Academia Ridgerock, Simon Burbage. O senhor poderia passar aqui esta tarde? Acredito que precisamos de sua assistência.

Eu sabia o endereço, e ele repetiu mesmo assim. Nossa reunião seria após as aulas, depois que as crianças já tivessem ido para casa, mas ele queria que eu chegasse um pouco mais cedo.

— Se possível, chegue por volta das duas e meia. Teremos uma apresentação que, acredito, vai interessar ao senhor.

Concordei com o horário e a ligação ficou muda.

O vento atingiu meu rosto. Dessa vez, permiti que o ar frio entrasse nos pulmões e afastasse as sombras. Minhas pálpebras se abriram com esforço. Meu sangue começou a esquentar. Esfreguei o rosto, a pele áspera e seca como um pedaço de carne curada.

Um cliente. Um caso. Um que talvez significasse alguma coisa.

Peguei minha carteira, o isqueiro, o soco-inglês e minha faca, e fechei a segunda porta com um chute.



Havia uma abertura nas nuvens depois de uma semana de chuva, e as ruas, para variar, pareciam limpas. Eu esperava parecer limpo também. Era minha primeira oferta de emprego em mais de quinze dias, e eu precisava daquilo. Estava com um terno cinza antigo, camisa branca, gravata preta, minhas melhores botas e o casaco azul-marinho, com forro de pelo, que era praticamente parte de mim.

A Academia Ridgerock era composta de três construções térreas de concreto atrás de uma grade de ferro. O maior prédio era decorado com um mural dolorosamente colorido de rostos sorridentes, raios de sol e estrelas.

Uma segurança esperava com um bule de café e um sorriso falso. Seus olhos pareciam prontos para revirar, e ela não escondia o amor pelo parco poder que detinha. Quando a mulher perguntou meu nome, eu respondi.

— Fetch Phillips. Vim ver o diretor.

Troquei minha identidade por um grunhido desdenhoso.

— No ginásio. Seguindo pelo caminho principal, nas portas vermelhas à esquerda.

Eu não havia estudado nem nunca tinha entrado ali, mas o lugar era marcado por uma espessa camada de nostalgia; o aroma inesquecível de manchas de grama, catarro, medo, confusão e sanduíches velhos de manteiga de amendoim.

As portas vermelhas tinham marcas de dedos, formando pichações acidentais. Com um puxão, eu as abri, levando um momento para me acostumar com o escuro, e entrei o mais silenciosamente possível.

O ginásio, imenso, também servia como auditório. Havia cadeiras alinhadas num canto, equipamento esportivo largado no outro. No meio, a luz quente do projetor atravessava a escuridão e iluminava uma tela branca lisa. Partículas de poeira giravam acima de uma centena de alunos silenciosos, sentados no chão, sussurrando uns para os outros. Parei nos fundos, apoiado na parede, e esperei o que quer que fosse acontecer.

Uma menina soltou um gritinho. Alguns meninos riram. Então um homem franzino de cabelo branco e grandes óculos parou sob a luz.

— Quietos, por favor. A apresentação já vai começar.

Eu reconheci a voz do telefone.

— Sim, sr. Burbage — responderam as crianças em uníssono.

O diretor se aproximou do projetor, e a luz evidenciou as rugas do seu rosto. Os alunos se remexeram, animados, quando ele tirou um rolo de filme e o encaixou no aparelho. Os alto-falantes estalaram, e uma voz empolada começou a soar.

“A Opus orgulhosamente apresenta...”

Eu perdi o fôlego. A Opus era minha antiga empregadora, e minha saída não foi das mais amigáveis. Se era isso que Burbage queria que eu visse, então ele devia conhecer algo da minha história. Não gostei nada daquilo.

“... *Meu corpo e eu: crescendo depois da Coda.*”

Comecei a ficar incomodado, puxando um fio solto da manga. A narração mudou para uma voz masculina que falava com aquele tom falsamente amigável em geral associado a vendedores, mentirosos e policiais corruptos.

“Oi, pessoal! Estamos aqui para conversar sobre o seu corpo. Não fiquem nervosos! Seu corpo é uma coisa muito especial, e é importante que vocês saibam por quê.”

Uma das crianças soltou um gemido, procurando uma risada que não encontrou. Eu não era o único que estava nervoso.

“O corpo de todo mundo é diferente, e tudo bem! Ser diferente significa ser especial, e somos todos especiais, cada um a sua maneira.”

Duas crianças de desenho animado surgiram na tela: um menino e uma menina. Eles acenaram para o público como se fossem velhos amigos.

“Talvez você tenha algo no seu corpo que seus amigos não têm. Talvez eles tenham algo que *voce* não tem. Essas diferenças podem confundi-lo se você não souber por que elas existem.”

Os personagens brincaram com a narração, encolhendo os ombros, confusos, quando interrogações surgiram acima de suas cabeças. Então eles começaram a se transformar.

“Talvez sua amiga tenha dentes pontudos.”

A menina abriu a boca, revelando presas afiadas.

“Talvez você tenha cotocos nas costas.”

O menino se virou, mostrando dois calombos que surgiam de suas escápulas.

“Você pode ser coberto de lindos pelos castanhos, ou ter mais olhos que seus colegas. Você tem pele brilhante? Pernas compridas? Talvez até um rabo? Não importa como você seja, *quem* você seja, você é especial. E é assim por um motivo.”

Então as duas crianças deram lugar a uma paisagem: montanhas, rios e planícies, tudo pintado no estilo de um livro infantil inocente. Embora o filme se esforçasse para esconder isso, eu sabia muito bem que aquela história não tinha um final feliz.

“Desde o começo dos tempos, nosso mundo recebeu seu poder de uma energia natural chamada *magia*. A magia fazia parte de quase todas as criaturas que viviam aqui. Magos podiam usá-la para seus feitiços. Dragões e grifos voavam pelos ares. Elfos permaneciam jovens e belos por séculos. Todas as criaturas estavam em sintonia com o espírito do mundo, e isso as tornava diferentes. Especiais. Mágicas.

“Mas, seis anos atrás, antes até de alguns de vocês nascerem, houve um incidente.”

O fio se soltou da manga do meu casaco quando puxei com mais força. Enrolei a linha no dedo.

“Uma espécie não era conectada à magia do planeta: os humanos. Eles tinham inveja do poder que presenciavam ao seu redor, então tentaram mudar as coisas.”

Senti uma pontada já conhecida no lado esquerdo do peito, então peguei o remédio no bolso interno do blazer: um pacote de Acres Clayfield. Os Clayfields são uma versão industrializada de um analgésico usado há séculos por aqui. Trata-se basicamente de pedaços de casca da árvore de récus em forma de palitos de dente. Enfiei um desses gravetinhos entre os dentes e fiquei mordendo enquanto o filme continuava.

“Para compensar sua inferioridade natural, os humanos construíram máquinas. Inventaram uma imensa variedade de armas, ferramentas e aparelhos estranhos, mas não era o suficiente. Eles sabiam que suas máquinas nunca seriam tão poderosas quanto as criaturas mágicas ao seu redor. Então os humanos descobriram uma lenda sobre uma montanha sagrada em que o rio mágico que corre pelo nosso planeta emerge na superfície, uma porta de entrada direto para o coração do mundo. Esse mito antigo deu uma ideia aos humanos.”

A imagem mudou para mostrar um exército de soldados raivosos com espadas e tochas, carregando uma broca gigantesca.

“Querendo capturar a mágica natural do planeta para si mesmo, o Exército Humano invadiu a montanha e derrotou seus defensores. Depois,

desejando usar o poder do rio para seus próprios interesses, enfiaram as máquinas na alma do nosso mundo.”

Fiquei assistindo à animação simples contar os eventos que ficaram posteriormente conhecidos como *Coda*.

As crianças assistiam em silêncio enquanto o exército do desenho animado subia a montanha. Na tela, parecia tão simples quanto mover uma peça de xadrez pelo tabuleiro. Eles não ouviam os gritos. Não sentiam o cheiro da fumaça. Não viam o sangue. Os corpos.

Eles não me viam.

“O Exército Humano entrou com suas máquinas na montanha, mas quando os humanos tentaram absorver o poder do rio, algo terrível aconteceu. O rio brilhante de magia se transformou de névoa em cristal sólido. O rio congelou. O coração do mundo parou de bater e todas as criaturas mágicas notaram a mudança.”

Senti o gosto da bile na boca.

“Dragões caíram dos céus. Elfos envelheceram séculos em segundos. O corpo dos lobisomens ficou instável, deformando-os. A magia foi roubada das criaturas do mundo. De todos nós. E assim permanece até hoje.”

Na escuridão, vi cabeças se virarem. Corpinhos se examinando, depois examinando os colegas. O mundo inteiro deles agora era coberto por uma tristeza que todos nós vínhamos sentindo nos últimos seis anos.

“Vocês ainda carregam a grandeza dos que já foram. Asas, presas, garras e rabos são os presentes daquele grande rio. Eles vêm dos seus ancestrais, e não há nada do que se envergonhar.”

Mordi o Clayfield com mais força, quebrando o palito ao meio. Em algum lugar da plateia, uma criança começou a chorar.

“Lembrem-se: vocês podem não ser mágicos, mas ainda são... especiais.”

O filme foi cuspidado do projetor e continuou girando, batendo descontroladamente uma dúzia de vezes antes de por fim parar. Burbage acendeu as luzes, mas as crianças permaneceram em silêncio, como estátuas.

14. O ÚLTIMO SORRISO NA CIDADE PARTIDA

— Obrigado pela atenção de todos. Se tiverem qualquer pergunta sobre seu corpo, sua espécie ou sobre a vida antes da Coda, seus pais e professores ficarão contentes em conversar.

Enquanto Burbage terminava a apresentação, me esforcei ao máximo para desaparecer na parede atrás de mim. Um filete de suor escorria da minha testa, e tentei secá-lo com um lenço velho. Quando levantei o olhar, um par de olhos inquisitivos me examinava.

Eram verde-névoa, com pupilas minúsculas: élficos. Jovens. O rosto, porém, era velho. A pele dos elfos não tinha elasticidade, não mais. As olheiras poderiam indicar mais de uma década de insônia, mas o menino não devia ter mais que cinco anos. Seu cabelo era branco e parco, e o corpinho era todo torto. O rosto não tinha expressão, apenas me encarava até o fundo da alma.

Eu juro:

Ele sabia.